

Ciência em Foco

Volume IX

Bruno R. de Oliveira
Alan Mario Zuffo
Jorge G. Aguilera
Aris V. Peña
Rosalina E. L. Zuffo
org.



2022

Bruno Rodrigues de Oliveira
Alan Mario Zuffo
Jorge González Aguilera
Aris Verdecia Peña
Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo
Organizadores

Ciência em Foco
Volume IX



Pantanal Editora

2022

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Prof. MSc. Adriana Flávia Neu
Prof. Dra. Allys Ferrer Dubois
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior
Prof. MSc. Aris Verdecia Peña
Prof. Arisleidis Chapman Verdecia
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu
Prof. Dr. Carlos Nick
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva
Prof. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos
Prof. MSc. David Chacon Alvarez
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira
Prof. Dra. Denise Silva Nogueira
Prof. Dra. Dennyura Oliveira Galvão
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves
Prof. Me. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Fábio Steiner
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto
Prof. MSc. João Camilo Sevilla
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira
Prof. Dra. Keyla Christina Almeida Portela
Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez
Prof. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla
Prof. MSc. Mary Jose Almeida Pereira
Prof. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes
Prof. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira
Prof. Dra. Patrícia Maurer
Prof. Dra. Queila Pahim da Silva
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)
Prof. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
MSc. Tayronne de Almeida Rodrigues
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira
Prof. Dra. Yilan Fung Boix
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Instituição

OAB/PB
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
UO (Cuba)
IF SUDESTE MG
Facultad de Medicina (Cuba)
ISCM (Cuba)
UFESSPA
UEA
UNEMAT
UFV
AJES
UFGD
UEMS
IFPA
UNICENTRO
IFMT
UFMG
URCA
ISEPAM-FAETEC
IFG
UEMS
UFF
(Colômbia)
UNAM (Peru)
IFRR
UCG (México)
Mun. Rio de Janeiro
UNMSM (Peru)
UFMT
Mun. de Chap. do Sul
IFPR
Tec-NM (México)
Consultório em Santa Maria
UFJF
UEG
FAQ
UNAM (Peru)
SEDUC/PA
IFB
IFPA
UNIPAMPA
IFB
UO (Cuba)
UFMS
UFPI
UFG
UEMA
IFB
UFPI
FURG
UO (Cuba)
UFT

Conselho Técnico Científico
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciência em foco [livro eletrônico] : volume IX / Organizadores Bruno Rodrigues de Oliveira... [et al.]. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2022. 86p. il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81460-57-0

DOI <https://doi.org/10.46420/9786581460570>

1. Ciência – Pesquisa – Brasil. 2. Pesquisa científica. I. Oliveira, Bruno Rodrigues de. II. Zuffo, Alan Mario. III. Aguilera, Jorge González. IV. Peña, Aris Verdecia. V. Zuffo, Rosalina Eufrausino Lustosa.

CDD 001.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

A Coletânea Ciência em Foco, desde o seu primeiro volume, vem proporcionando a divulgação de pesquisas científicas nas mais diversas áreas do conhecimento. Esta obra é de extrema relevância nos dias atuais, pois precisamos lidar com as “fake news” diariamente. A melhor ferramenta que temos para isso é o conhecimento curado, filtrado por especialistas, e revisado por pares. Neste nono volume trazemos aos leitores seis capítulos.

O Capítulo 1 aborda um tema ainda sensível em nossa sociedade: a prostituição. Os autores percorrem o assunto desde a Grécia Antiga até os dias atuais. Os focos das discussões fixam-se na prostituição viril (prostituto com características masculinas proeminentes) e na cultura da noite, realizando uma análise psicossocial das questões relacionadas. O Capítulo 2 também aborda assuntos relacionados ao gênero masculino. Os autores discutem, permeando às questões históricas da transição do matriarcado para o patriarcado, a construção psicossocial da imagem do deus judaico-cristão, apresentado como um ente masculino. Continuando a discussão sobre assuntos ligados à religião, no Capítulo 3 os autores apresentam um referencial teórico baseado nas ideias de Freud para discutirem o tópico dos delírios com conteúdo religioso e místico numa perspectiva psicológica.

Saindo dos assuntos da área psicossocial e migrando para a área de saúde-pública, no Capítulo 4 os autores e as autoras apresentam um estudo visando o desenvolvimento de um roteiro de inspeção direcionado às farmácias comunitárias para subsidiar o desenvolvimento e/ou implementação do serviço de testagem de COVID-19. Também relacionado ao tema de saúde ligado às farmácias comunitárias, no Capítulo 5 os autores e as autoras elaboram uma pesquisa com o intuito de desenvolver uma cartilha sobre dispensação farmacêutica com o intuito de melhorar essa atividade, proporcionando mais segurança para os pacientes.

Para finalizar, no Capítulo 6, escrito em língua espanhola, trata de questões relacionado do Direito Penal Peruano. O autor foca suas discussões nas novas funções dos operadores de direito diante do Novo Modelo Processual Penal, destacando que nesse modelo: a oralidade prevalece antes do documento escrito; é garantindo o direito de defesa do acusado, em qualquer estado do processo criminal; e, o promotor dirige sua própria investigação, de acordo com sua teoria do caso, sob responsabilidade funcional e o juiz dirige o julgamento.

Esperamos que cada um dos temas abordados com cuidado nessa coletânea, possa contribuir com o crescimento e fortalecimento da ciência em geral.

Tenham uma boa leitura.

Os organizadores


Sumário

Apresentação	4
Capítulo 1	6
Cultura da noite e identidade: uma análise psicossocial da prostituição viril	6
Capítulo 2	21
A construção psicossocial da supremacia do pai: a constituição do poder masculino nas ideias religiosas	21
Capítulo 3	36
Uma análise dos delírios religiosos em perspectiva freudiana	36
Capítulo 4	45
Roteiro de inspeção para implementação do serviço de testagem para Covid-19 em farmácias comunitárias	45
Capítulo 5	57
Desenvolvimento de uma Cartilha de Dispensação Farmacêutica em Farmácias Comunitárias	57
Capítulo 6	67
Estudios jurídicos del Nuevo Modelo Procesal Penal Peruano: A propósito de las nuevas funciones de los operadores del Derecho	67
Índice Remissivo	84
Sobre os organizadores	85

Cultura da noite e identidade: uma análise psicossocial da prostituição viril

Recebido em: 28/07/2022

Aceito em: 01/08/2022

 10.46420/9786581460570cap1

Lígia Leite Grillo¹ 

Bryan Silva Andrade^{2*} 

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a prostituição masculina é tão presente na narrativa da história do homem quanto a feminina. Muitos são os relatos de prostitutas desde a época dos grandes filósofos gregos. Alguns dessa classe tinham mais acesso ao conhecimento do que muitos cidadãos gregos (Ceccarelli, 2008).

O tempo passou e a prostituição continuou arraigada às civilizações. Resistiu ao moralismo das religiões, à Idade Média, à Revolução Industrial. Mesmo quando parecia desaparecer devido a movimentos liberais de contra-cultura do século XX, ela permaneceu escondida apenas (Ceccarelli, 2008; Duby, 2011; Santos, 2009).

A prostituição masculina é bastante ampla, pois existem muitas facetas que abarcam o fenômeno. A prostituição viril ou michetagem, no entanto, é aquela em que o prostituto tem características masculinas proeminentes (Teixeira, 2011).

Os motivos pelos quais rapazes decidem fazer programa são variados, alguns são extremamente pobres, já outros nem tanto, eles têm na prostituição uma forma de ganhar um pouco mais de dinheiro no final do mês (Santos, 2009).

A cultura da noite na qual estão inseridos também é diferente e tem suas peculiaridades, como a impossibilidade de aproximação entre michês e gays, ou michês e prostitutas, por exemplo (Perlongher, 1985).

A identidade também é um aspecto interessante a ser estudado sob essa ótica da prostituição viril. As diferenças identitárias estão atravessadas pela ideia de identidade etiquetada, o que por muitas vezes

¹Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO); Especialista em Gestalt Terapia pelo Instituto Müller-Granzotto de Psicologia Clínica Gestáltica; Mestranda em Saúde Coletiva (UNIFOR).

²Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Mestre em Ensino na Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Especialista em TTC pela Universidade do Estado do Ceará (UECE); Psicólogo da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).

* Autor correspondente: bryanpsicologia@gmail.com

compromete o poder de criar algo novo do sujeito, sujeito esse que já é muito estereotipado (Sawaia et al., 2008).

Diante dessas pontuações, surgem várias inquietações sobre como esses indivíduos refletem sobre aquilo que vivem, como acontecem as relações com a família e outros grupos sociais, por que os michês não se consideram gays, apesar de fazerem programas com homens, por que o imperativo de consumo norteia por tantas vezes essa prática, etc.

A produção científica na Psicologia Social a respeito do tema cresce de acordo com a demanda, pois é preciso conhecer esse público para realizar um trabalho válido e eficiente. Porém, ainda existe uma escassez de trabalhos relevantes relacionados especificamente ao tema.

A busca por essas respostas se deu na forma de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, explanatória e descritiva, pautada na leitura de livros e artigos científicos previamente publicados.

REFERENCIAL TEÓRICO

A PROSTITUIÇÃO NA GRÉCIA ANTIGA

A prostituição, como é conhecida hoje, é datada desde a Grécia Antiga. Nessa época, ela era tida como parte integrante da vida da pólis, sendo também algo comum entre os habitantes das cidades de Corinto e Atenas. Por se tratar de uma situação tão corriqueira na dinâmica das cidades, o governo decidiu então legalizá-la e cobrar impostos de todos os prostíbulos (Peters; Cerqueira, 2014).

Na Grécia Antiga, a prostituição masculina e a feminina eram igualmente explícitas para a sociedade e não eram vistas como algo escandaloso. Os chamados *pórnoi* eram prostitutas que atendiam a homens e a mulheres, sujeitos ao pagamento de impostos ao Governo (Ceccarelli, 2008).

Nos pontos das cidades mais importantes, como o porto de Pireu em Atenas, e no bairro de Cerâmico, a prostituição era grande fonte de arrecadação de dinheiro, e claro, de tributos. Tanto os bordéis quanto os prostitutas avulsos pagavam um imposto chamado de *pornikón*. O esquema funcionava de forma que coletores especialmente nomeados iam buscar o dinheiro do imposto nos bordéis (Peters; Cerqueira, 2014).

Os mesmos autores citados acima trazem que nessa época a prostituição não era considerada uma atividade clandestina, mas sim algo presente no dia a dia da cidade, tida como indispensável e até mesmo sagrada. Sagrada, pois existia uma classe específica de mulheres que praticavam a prostituição apenas nos templos dedicados à Afrodite, a deusa do amor. Havia também uma classe denominada *pórne*, sendo essas prostitutas de bordéis públicos, baratos e acessíveis. Por último a classe das *heteras*, eram em sua maioria estrangeiras, cultas, belas e muito caras.

Ceccarelli (2008) acrescenta ainda que as prostitutas deveriam vestir-se de forma a serem facilmente identificadas, e apesar de pagarem impostos altíssimos ao governo ficavam com uma boa quantia em dinheiro para si, a ponto de algumas mães estimularem as filhas a fazer carreira no meretrício.

Na cultura antiga da Grécia as prostitutas tinham muito mais liberdade do que as moças filhas de cidadãos gregos, que eram educadas de forma rígida e criadas para o casamento. Cita-se o nome de Aspásia de Mileto, uma prostituta grega que se tornou muito famosa e admirada por seus dotes intelectuais e por ter grande influência nas decisões políticas. Tão respeitada a ponto de o filósofo Sócrates levar seus discípulos à sua casa para ouvi-la. O mesmo autor traz: “Curiosa expressão da legendária democracia grega: só as prostitutas tinham acesso ao conhecimento” (Ceccarelli; 2008)

DO JUDAÍSMO Á DÉCADA DE 1980

Com o passar do tempo, outros povos e culturas surgiram no ocidente, e com isso sua religião torna-se norteadora para as condutas de toda uma sociedade. Foi o que aconteceu com o judaísmo. A cultura judaica censura totalmente a prática da prostituição, com punições aos praticantes que podiam chegar à pena de morte. Porém, a realidade era um pouco diferente, quando se lê no livro de Josué o caso de Raabe, uma prostituta que foi salva por Deus (Ceccarelli, 2008).

O cristianismo também condena veementemente tal atividade, que vai de encontro a todos os preceitos de casamento e família estabelecidos pela Igreja Católica. Essa prática também era tida como responsável pela difusão de doenças sexualmente transmissíveis, como a sífilis, que não tinha cura na época. Com a Reforma Religiosa do século XVI, a ideia de pureza passou a ser de grande valia nas relações. As pessoas tinham casamentos arranjados pelos pais, não levando em consideração os sentimentos mútuos, o que colaborou para a ampliação da prática da prostituição. Essa mesma prática nunca deixou de existir e caiu na clandestinidade, estando presente em todas as cortes europeias e em suas colônias (Ceccarelli, 2008).

Na Idade Média, os ritos de casamento eram evidentemente revestidos por uma ética cristã. Pregava-se a monogamia. Porém, essa mesma sociedade que tinha valores morais tão seguros não negava ao homem (ao marido, no caso) o poder de romper com a união de acordo com seu anseio, de afastar a esposa e buscar outras formas de prazer fora do casamento. Índícios atestam o amplo desenvolvimento do concubinato nessa época, assim como a glorificação da virilidade masculina (Duby, 2011).

Com o fim da Idade Média a crença em Deus não desapareceu, mas Ele se distanciou do mundo, se colocou “sobre” ele. Deus foi o criador da ordem no mundo e cabe ao Homem apreciá-la. Dessa forma, o mundo deixou de ser sagrado e passou a ser objeto de uso, estando disponível a sofrer transformações mecânicas e abstratas. Abre-se caminho para o humanismo moderno (Figueiredo; Santi, 2008).

No século XIX houve uma revolução bastante importante para o desenvolvimento do homem e do capitalismo, a Revolução Industrial. Iniciada na Inglaterra e posteriormente difundida por todos os países do mundo, esse novo ciclo colocava a mulher em um patamar de desigualdade em relação aos homens. Essa desigualdade presente no trabalho conseqüentemente refletia na qualidade de vida, já que

outras formas de ganhar dinheiro estavam escassas. Sendo assim, prostituir-se em troca de favores e melhores condições de vida mostrou-se uma opção (Ceccarelli, 2008).

Já no final da década de 60 e início da década de 70 aconteceu o movimento hippie, que pregava o amor livre, desinteressado e desprendido de valores morais arcaicos. Apesar de não ter chegado em si a todos os países, influenciou o pensamento e o comportamento de toda uma geração. Com a ideia de liberdade sexual os bordéis foram perdendo força, entretanto a prostituição continuava a crescer. A imposição do casamento pela Igreja já não fazia tanto sentido assim, encorajando os jovens a irem contra a ordem vigente e pré-estabelecida de que deveriam constituir uma família nuclear (Santos, 2009).

Nos anos 1980 a epidemia de AIDS iniciada na África atingia outros continentes com grande rapidez. Por esse motivo, tiveram início no Brasil alguns programas de conscientização e de saúde pública, sempre tendo em mente o conceito de sexo seguro (Santos, 2009).

AS PROSTITUIÇÕES MASCULINAS NA MODERNIDADE

A modernidade pode ser entendida como o período histórico que foi amplamente influenciado por filósofos iluministas, como também por Hume e Emanuel Kant. Desde então, surge a premissa de que o homem passa a se reconhecer como um ser autônomo e universal, que usando da razão pode operar sobre a sociedade e a natureza. Podendo operar sobre a natureza, formas e técnicas para otimizar a realização de tarefas foram criadas (Figueiredo; Santi, 2008).

A Revolução Industrial, já falada acima, foi um importante propulsor para grandes desenvolvimentos, tanto na área das ciências da saúde, como nas ciências exatas e sociais. Como contraponto a esse acontecimento, a pobreza extrema de boa parte da população europeia naquela época era um fato inegável. Acredita-se que foi durante esse período que houve um aumento da prostituição em toda a Europa, e conseqüentemente em suas colônias, devido majoritariamente às imigrações e à promiscuidade decorrente das grandes aglomerações (Aquino et al., 2010).

Com o surgimento e desenvolvimento da chamada mundialização a partir da Revolução Industrial, novas relações entre economia, política e sociedade são estabelecidas. As vivências atuais são ao mesmo tempo de uma falência de um modelo antigo, e o fim da capacidade de criar algo novo. Sawaia (2008) acrescenta que os problemas sociais advindos desse processo se acumulam, sobrepondo-se no seio das sociedades. Um fator que explicita esse fenômeno são as categorias sociais com renda mais elevada ao lado das categorias excluídas (Sawaia et al., 2008).

As noções de pobreza e exclusão figuram no horizonte histórico do Brasil, já que sua matriz escravista perpassa o passado e chega até os dias de hoje. As manifestações desse fenômeno são as mais variadas possíveis, documentadas e registradas pelo próprio governo brasileiro, que hoje tomaram forma de uma assistência social peculiar (Sawaia et al., 2008).

A prostituição encontra-se inscrita na privação coletiva desde a era moderna, já que essa lógica está presente nas formas de relações econômicas e culturais da sociedade brasileira. Essa privação coletiva é entendida como exclusão social, que inclui a pobreza, discriminação e não representação pública. Sendo assim, os contornos que a atividade de se prostituir tomou foram cada vez mais camuflados, apartando-se pouco a pouco das práticas aceitas pela sociedade (Sawaia et al., 2008).

Por definição da atividade de um prostituto entende-se que é a comercialização de seu corpo para a realização de práticas sexuais e/ou eróticas para os chamados “clientes”, em troca de remuneração normalmente em dinheiro, cujo valor depende de fatores como o local de encontro, a aparência do cliente, o tempo de duração do programa, o conteúdo envolvido, etc. (Teixeira, 2011).

Quando se trata de prostituição masculina hoje em dia, vale ressaltar a variedade de facetas que abarcam. Existem os homens hipermasculinos, que via de regra não se consideram homossexuais; há os homossexuais assumidos; os bissexuais e os travestis, que imitam os gestos e o corpo de uma mulher (Teixeira, 2011).

Ceccarelli (2008) ainda acrescenta:

Por fim, há os michês eventuais que, quando a ocasião se apresenta, não perdem a chance de “ganharem um extra”. Fato interessante é que entre tais sujeitos, existem os que usam a prostituição como desculpa – “isso é apenas um trabalho” – para viver uma relação homossexual de outra forma intolerável a eles (Ceccarelli; 2008).

Atentando-se às obras de alguns historiadores, é possível observar que grandes irrupções da experiência subjetiva privatizada acontecem em momentos de crise social, quando valores, normas e costumes são contestados. É o que acontece quando os michês se encontram na situação de prostituição pela primeira vez. Nessas situações surgem novas formas de vida, onde o Homem é obrigado a tomar decisões sem ter o apoio da sociedade (Santos, 2009; Figueiredo; Santi, 2008).

Quando ocorre um desprendimento de velhas tradições (sejam elas familiares ou não) e um leque de novas possibilidades se abre, cada um se vê obrigado a recorrer ao seu “eu” mais íntimo, aos seus critérios de certo e de errado. A perda de referências primárias, como religião e família, força o Homem a construir suas próprias referências. Surge então um espaço para a experiência da subjetividade privatizada: quem sou, o que quero, como me sinto, o que é justo? Nessas circunstâncias, o Homem descobre que é capaz de tomar suas decisões e que é responsável por elas (Figueiredo; Santi, 2008).

Hoje tem-se a informação que uma grande parcela dos sujeitos é composta por rapazes jovens e bastante humildes, que procuram em grandes centros uma forma de enriquecer, o mais rápido possível. Porém, por não serem qualificados para o mercado de trabalho formal são empurrados para as ocupações de risco, como tráfico de drogas, crime organizado e prostituição. O desejo por frequentar lugares caros, usar roupas de grife, poder viajar e ter uma conta bancária farta também são fatores decisivos para a entrada na prostituição (Santos, 2009).

Porém, a pobreza não é fator exclusivo e determinante para o ingresso na prostituição. Existem garotos que fazem curso superior, pertencem à classe média e falam mais de uma língua. Eles têm a

prostituição como boa fonte de renda, pois conseguem ganhar mais dinheiro do que se estivessem fazendo outra coisa (Santos, 2009).

O desejo de consumir, seja o básico ou o sofisticado, está intimamente ligado à prostituição. O sistema mercantil desenvolvido no qual todos estão inseridos tem como prerrogativa a troca, troca de mercadorias por mercadorias e/ou de trabalho por dinheiro. O mercado cria a ideia de que o lucro de um é o prejuízo do outro. No caso da prostituição viril, isso ocorre quando o cliente barganha o programa, tenta “enganar” e diminuir o michê (Figueiredo; Santi, 2008; Teixeira, 2011).

O preço da escolha por levar uma vida “desviante” é alto. Por não serem qualificados o suficiente para o mercado de trabalho formal e por terem grande desejo de consumir, esses rapazes encontram-se livres. Essa liberdade vem de várias formas. Eles não têm vínculo empregatício algum, não têm lugar fixo de trabalho e não têm apoio nem sustentação dos grupos de que antes pertenciam. Mesmo que essa escolha seja consciente, eles passam a conviver com a indecisão. Seu futuro agora é de total responsabilidade de sua disposição, sua esperteza e sua sorte (Perlongher, 1985; Figueiredo; Santi, 2008).

Ainda na perspectiva de Santos (2009), a prostituição masculina está presente em todos os grandes centros, como Fortaleza, Rio de Janeiro, Belém. Mas também pode ser encontrada em lugares menores, evidenciando que o crescimento do mercado sexual está intimamente ligado ao crescimento econômico da região. Seguindo tal linha de pensamento, essa realidade, apesar de encoberta, está mais perto do que se pensa.

O MICHÊ

O termo michê, ou prostituto com características viris, traz o título da França, seu possível berço. Porém, cabe ressaltar que a palavra michê vem de uma gíria francesa, onde designa-se o homem que dá dinheiro à mulher para conquistar-lhe favores. Outro dicionário francês traz a definição como sendo um homem tolo, iludido, chulo, que vive na companhia de mulheres da vida (Santos, 2009; Augras, 1985).

Observa-se que o sentido original da palavra é conservado na expressão “fazer michê”, já que se trata de um papel que o homem exerce de manter uma prostituta. Mas em algum momento da história o sentido da palavra se inverte, michê deixando de ser o cliente e passando a ser o prostituto. A autora traz:

A definição do Aurélio permite apreender o mecanismo da transformação da palavra sinônima de cliente em sinônima de prostituta/o. O nexos associativo, o elemento transformador do código, é o dinheiro. De homem tolo, que dá dinheiro às mulheres (seria tão fácil ter mulher de graça, se fosse usar o código dos sentimentos amorosos...), passa-se ao preço da prestação sexual e, logo, ao agente fornecedor dessa prestação. Vale dizer: não se distinguem os contratantes, quem vende iguala-se a quem compra (Augras; 1985).

Hoje em dia, após essa inversão de sentido da palavra, compreende-se michê por jovens e adultos do sexo masculino que comercializam através da imagem as características de uma identidade reconhecida socialmente como masculina, viril. Independente de seus anseios, o que é negociado nessa relação é o desejo e a virilidade (Santos, 2009).

Por venderem essa imagem de virilidade, muitos não aceitam fazer o “passivo”, pois isso acarretaria em perdas simbólicas, já que eles têm a autoimagem de ser “macho”. Além disso, causaria a redução da demanda de clientes, pois alguns desses clientes não aceitam michês que fazem “tudo”. Na maioria dos casos, não há a noção de homossexualidade estabelecida, pois no papel de “ativo” ele é o “macho” (Santos, 2009).

O prostituto viril exerce a qualidade de penetrante, seja em homens ou em mulheres. Mostram-se como másculos e fortes. Fazem anúncios em jornais, mídias sociais e no boca-a-boca. Alguns optam por usar critérios rígidos com os clientes, chegando ao ponto de escolher com quem fazem programa. Existem outros ainda mais caros, que atuam em clubes privês, casas de massagem, saunas, etc. Esses são jovens de nível cultural mais elevado, por vezes são estudantes universitários (Santos, 2009).

Contudo, as exceções também existem. Garotos que não são como a mídia apresenta. São pobres, não usam roupas nem perfumes caros, não frequentam lugares badalados, não são bonitos e fazem ponto em lugares insalubres, como ruas escuras, banheiros públicos e cinemas. Em determinadas ocasiões fazem programas por valores ridículos, apenas para satisfazer as necessidades mais urgentes. Trata-se de garotos marginalizados, que não são aceitos nem pelas próprias famílias (Santos, 2009).

Não é incomum que esses homens sofram algum tipo de preconceito e de violência física por parte de clientes ou pares. Mas essa violência não é só a física. “O contrato prostitutivo é, em si, pura violência e retaliação” (Augras; 1985). É a meticulosa estipulação do uso do corpo, pedaço por pedaço, chegando a vislumbrar o desenho pontilhado de um boi na parede de um açougue (Augras, 1985).

Tal violência vem da própria raiz de aniquilação da existência do outro com tal. A possível essência narcisista do contrato de prostituição embasa a ideia de negação da alteridade do outro. Partindo do pressuposto de negação da realidade do outro tudo é possível, os comportamentos mais desviantes inscrevem-se na lógica da despersonalização (Augras, 1985).

Sendo assim, nem a sexualidade nem o desejo carnal em si são os causadores da alienação. Pelo contrário, o desejo sexual é fundamentado na atração pelo diferente, que não é o oposto, mas sim o complementar. A fonte de desejo é a realidade do outro como tal. O desejo carnal e narcisista acaba findando na mútua despersonalização ou “estéril jogo de espelhos” (Augras, 1985).

O enfoque no contrato da prostituição pode trazer conceitos superficiais e óbvios. Porém, está longe de representar algo que se afirma distante à sociedade ocidental, pois constitui uma amostra privilegiada para a análise das relações humanas que todos estão inseridos (Augras, 1985).

O INDIVÍDUO E A CULTURA DA NOITE

Seguindo ainda o pensamento de Monique Augras (1985), a prostituição em si e o seu contrato prostitutivo mostram uma singular população inserida no seio das cidades, que por vezes não é notada.

Tal população tende a agrupar-se, por mais distintas que sejam suas facetas (Augras, 1985; Perlongher, 1985).

É possível que em um determinado lugar da cidade coexistam “marginalidades” que remetem a transgressões morais, como prostitutas e delinquentes. O peso da lei vem na forma de força policial, e recai sobre as duas figuras de marginalidade. Essa repressão violenta pode ser justificada pelos policiais como única forma de conter os “perversos sexuais” (Perlongher, 1985).

Quando se trabalha a ideia da prostituição como sinônima de promiscuidade, é preciso lembrar que esse “gueto gay” está inscrito no “seio da noite”. Muitos michês não são marginais por motivos econômicos, contudo os lugares que frequentam e as minúcias de seu trabalho abrem as portas para uma fuga da normalidade. Porém, é possível que alguns deles abdicuem dessas ligações com sujeitos marginalizados (Perlongher, 1985).

Um fato interessante estudado por Soliva (2012) é atração de sujeitos que se prostituem para as grandes cidades. Tal fenômeno já foi trabalhado por alguns autores, e consiste em uma migração de indivíduos em pequena e média escala, que vem de pequenas localidades para grandes centros, contribuindo para a formação de uma subcultura baseada na amizade. A possível razão para que tal fenômeno aconteça é que nas cidades grandes eles não são tão pressionados pela vizinhança e família, não precisam mais viver uma vida dupla, podem assumir sua identidade real (Soliva, 2012).

O seio da cidade de grande porte, e as características que ela reúne, acabam por ser um espaço propício para produção de estilos de vida marcados por essa fuga da normalidade. A prática da prostituição ainda se beneficia por estar inserida no seio das cidades, pelo fato da possibilidade de acesso indiscriminado a universos clandestinos, por onde transitam várias possibilidades de atividade, sem comprometer o anonimato desses sujeitos. Esse anonimato presente nas metrópoles permite uma flexibilidade de endereços culturais, porém os grupos primeiros dos sujeitos serão sempre norteadores (Soliva, 2012).

O cenário urbano noturno é propício para a prática da prostituição. À noite as ruas se transformam em passarelas, instigam a transgressão da moral vigente, despertam olhares e desejos, fatores essenciais para o exercício da prostituição. Nas ruas, os rapazes expõem seus corpos e vislumbram amantes pagantes, pois o cliente deseja e realiza esse desejo em um ambiente social artificialmente criado pelos michês para satisfazê-los (Santos, 2009).

Com relação à cultura, sabe-se que as pessoas se constituem em um sistema cultural previamente dado, formando assim redes de inter-relação. Entretanto, esses não são sujeitos construídos passivamente pelo meio. Isso significa que não são constituídos automaticamente por um processo narrativo pré-estabelecido, mas sim são donos de posicionamentos e interpretações próprias. Não obstante, as escolhas de fazer parte ou não de determinados grupos é de responsabilidade desses sujeitos (Jacques et al., 2012).

Jacques et al. (2012) ainda traz que dentre todas as formas de vivências possíveis, viver em grupo é a mais complexa. Complexa, pois há a problemática de conviver com outros grupos que têm diferentes

códigos de condutas e leis. É notório que a existência de limites geográficos entre esses grupos, os michês não se misturam com as prostitutas, que não se misturam com gays, que não se misturam com os maconheiros etc. Elas coexistem em um mesmo espaço, mas não há uma permuta entre si (Jacques et al., 2012; Perlongher, 1985).

O possível motivo dessa separação é o medo sentido principalmente pelos michês em serem confundidos com as bichas, ou até de adquirir seus trejeitos. Quando isso acontece, os próprios michês do grupo se voltam contra aquele que transgrediu as sutis regras (Perlongher, 1985).

A teoria histórico-cultural não destaca somente as mediações entre as relações. Também leva em conta o papel do sujeito no momento, e não deixa de lado o contexto e as emoções onde surgem essas atividades tão dinâmicas. Ora, se os michês que se autodenominam assim devem se comportar de determinada forma, é porque eles assimilaram a narrativa cultural na qual estão inseridos, que inclui diálogos com a discordância, conformidade e contradição (Jacques et al., 2012; Perlongher, 1985).

É preciso destacar que o ser humano não tem uma forma fixa, como uma parede de tijolos, ele constitui-se o tempo todo. Uma dança em ciranda seria a melhor metáfora para ilustrar tal fenômeno. O indivíduo sócio-histórico se constitui a partir de uma rede de inter-relações sociais, e é através dessas relações que se torna possível a orientação desse sujeito no mundo. Mesmo estando sozinho, o homem carrega hábitos provenientes de uma vida em sociedade (Jacques et al., 2012).

A sociedade ocidental atual é caracterizada principalmente pelo individualismo. Tal individualismo é refletido em todas as relações, inclusive nas permeadas pela prostituição. Nesse caso, o profissional do sexo trabalha sozinho, quase isolado, colocando-se em oposição à sociedade que falsamente prega a interação e convívio entre os homens. Esse fato fica claro quando se constata o direito assegurado por lei, no qual todos podem ir e vir em lugares públicos, de acordo com sua vontade. Entretanto, alguns policiais não permitem que os prostitutas (e outras classes desviantes) transitem por determinadas localidades da cidade à noite, por se tratarem de indivíduos indesejados, que representam aquilo que se deseja esconder (Jacques et al., 2012; Perlongher, 1985).

IDENTIDADE

Um imperativo da sociedade ocidental contemporânea é a busca pela identidade, isto é, a busca por uma representação única e igual a si e diferente dos outros. A identidade resgata a individualidade como um valor cardeal, muito importante para o sujeito (Sawaia et al., 2008).

O conceito de identidade é definido por Jacques et al. (2012) como representações e conceitos de si mesmo, autoimagens, sentimentos reconhecidos como próprios do sujeito. A complexidade da definição do termo demonstra a multiplicidade de formas pelas quais cada indivíduo pode enxergar-se. É possível falar também da identidade pessoal, que são os atributos específicos de cada um; e a identidade social, que é caracterizada por atributos que inscrevem o sujeito em grupos sociais (Jacques et al., 2012).

O michê está inscrito em um grupo social peculiar. Teixeira (2011) traz que eles vendem uma imagem viril aos clientes, clientes esses que são homens adultos e gays, mas mesmo assim não se consideram gays em sua maioria. Claro, existem as exceções. O autor ainda descreve casos de garotos de programa que vêem sua atividade como uma forma de ganhar de dinheiro, sem maiores problemas. Já outros garotos dizem gostar de estar com outros homens. Sendo assim, ao cobrar pelo sexo, eles unem o útil ao agradável (Santos, 2009; Teixeira, 2011).

Uma crítica ao conceito de identidade ocidental contemporânea baseia-se na lógica que ele é racista e sexista, sendo dessa forma, incapaz de pensar a diferença. Em outros termos, os conceitos com que trabalham as ciências humanas são identitários e, portanto, excludentes. O conceito de identidade de homem vem justamente da ideia de homem branco, civilizado, heterossexual e de primeiro mundo. Os que fogem a essa regra são deixados de lado, quando não, punidos (Rago, 1998).

As práticas masculinas (diga-se, heterossexuais) também são as mais valorizadas e respeitadas em relação a qualquer outra. Apesar de atualmente a sociedade ocidental ser extremamente individualista, o mundo privado tem menor valor do que a esfera pública. Dessa forma, ser não é suficiente, é preciso mostrar que é (Rago, 1998).

É possível notar como essa prerrogativa encaixa-se facilmente à ideia de prostituição. Os michês não fazem programa por vocação, mas sim pela necessidade de consumir, mostrar que têm. Alguns rapazes de classe econômica mais alta prostituem-se como uma forma de ganhar mais dinheiro de um jeito mais rápido, para que dessa forma possam comprar roupas mais caras, frequentar lugares badalados. Mostrar que tem dinheiro custa caro, interessante inversão de valores (Santos, 2009; Rago, 1998).

A tendência a agir e pensar com independência é entendida como individualismo. Sendo tal individualismo uma das ideologias básicas dessa sociedade, pode ser essa a motivação para o descompromisso com o outro. Existe uma necessidade de padronização para pertencer a um grupo, mas dentro desse grupo é preciso destacar-se como singular (Sawaia et al., 2008).

Os conflitos de identidade consigo mesmo e com outros grupos sociais também são elementos presentes no cotidiano desses rapazes. A autora traz:

O problema dos conflitos sociais não advém unicamente da luta pelo direito à diferença: étnicas, raciais e de gênero ou dos regionalismos e da globalização, mas do fato desses fenômenos estarem atravessados pela ideia da “identidade etiquetada”-defensiva ou agressiva, e o que é mais importante, usada a serviço da luta pelo poder. (Sawaia et al., 2008)

Diferentemente de Jacques (2012), que traz o conceito de identidade como dualidade, Ciampa (1998) diz que é possível pensar em identidade como metamorfose, ou seja, um perene processo de formação e transformação do sujeito humano, que acontece em determinadas condições históricas e materiais. É o processo que articula a objetividade e a subjetividade, constituindo o sujeito e localizando-o no mundo (Ciampa, 1998).

Para clarificar a ideia de identidade, Ciampa (1998) traz que a metamorfose (identidade) é constitutiva do sujeito, dando-se sempre como relaçõesincrônica e diacrônica, ou seja, dando-se simultaneamente e durante toda a evolução do homem. Também está fundamentada como produção de sentido, possível pelo agir comunicativo (Ciampa, 1998).

A sociabilização do homem se dá primeiramente pela estrutura familiar, depois são produzidos os próprios conceitos de indivíduo, sociedade e cultura. Sendo assim, tornar-se humano constitui-se pela metamorfose possível através da familiarização do homem com outro homem, um semelhante (Ciampa, 1998).

Ciampa (1998) ainda questiona se a identidade individual, tão evidenciada hoje em dia, poderia ser pensada como exclusão da identidade coletiva. O autor traz que não, já que as duas estão intrinsecamente ligadas e são interdependentes. O indivíduo se constitui como pessoa capaz de se afirmar como o “eu” sempre pela articulação de personas que encarna em situações variadas. Assim, o michê tem a possibilidade de agir de várias maneiras, dependendo da situação em que esteja (Ciampa, 1998; Teixeira, 2011).

Contudo, a ideia de metamorfose tão fortemente defendida por Ciampa (1998), pode ser entendida como contínuas mudanças que o sujeito faz de acordo com seus anseios. Afirmar isso não é inteiramente errado, mas pode-se falar em uma “mesmice”, ou permanência no idêntico que sempre foi. Essa metamorfose por reposição pode ser considerada “negativa”, pois impede a emancipação do sujeito.

A mesmice para Ciampa, ou a cristalização para Canguilhem, refere-se a uma forma estática do sujeito lidar com as demandas que o cercam. Demandas essas que são as mais variadas possíveis, exigido do indivíduo formas diferentes de resposta. Quando isso não acontece, ou seja, quando o sujeito repete a forma independentemente do novo que se apresenta, ele sofre, pois ainda não aprendeu a criar algo novo (Ciampa, 1998; Canguilhem, 2011).

A autonomia do sujeito de criar algo novo pode ser abalada por perturbações no nível individual, que podem surgir como crises de orientação, alienação ou psicopatologias, prejudicando o desenvolvimento da identidade pessoal. A capacidade de criar não é apenas uma simples adaptação, mas uma aptidão à resiliência do sujeito de seguir desenvolvendo-se sem perder o sentimento de sua própria continuidade temporal (Ciampa, 1998).

A estrutura social na qual tanto o michê como todos os outros sujeitos estão inseridos, reafirma a interdependência entre indivíduo e coletividade. Quanto mais essa estrutura social cresce e complexifica-se, mais as orientações de vida são pautadas pelas regras do agir instrumental e estratégico, e não pelo agir comunicativo, ou seja, torna obrigatória uma racionalidade instrumental para nortear as ações do sujeito (Teixeira, 2011; Ciampa, 1998).

Tais conceitos trazidos por Habermas (1983) *apud* Ciampa (1998), dizem respeito a uma forma de relacionamento entre organismo e ambiente, que transforma o gasto de energia humana em produção

de materiais; forma de relação entre indivíduos, permitindo a cooperação social; e regras de interação que envolvem uma conexão de expectativas e interesses mútuos, respectivamente (Ciampa, 1998).

Compreende-se que o agir comunicativo, ou agir em coletividade no âmbito da prostituição não é tarefa simples. Primeiro, pois a atividade de prostituir-se em si é solitária. Existem os companheiros de ocupação, mas a partir de determinado momento eles estão sós. Segundo, pois por algum motivo as classes “desviantes” da noite não se misturam (Ciampa, 1998; Perlongher, 1985).

As referências identitárias no momento em que os indivíduos estão definindo e redefinindo sua identidade são de ampla importância. Apesar de todas as críticas devidamente embasadas de que tais referências de homem são fixas e excludentes, elas ainda são norteadoras do caminho que muitos desses rapazes pretendem percorrer. Sair da prostituição, casar, ajudar a família, são alguns desses ideais. Em um primeiro momento, eles vão de encontro a uma moralidade arcaica estabelecida, para depois se encaixarem a ela, da maneira que lhes é possível (Sawaia et al., 2008; Rago, 1998; Teixeira, 2011; Ceccarelli, 2008).

METODOLOGIA

Nesse capítulo descrevem-se as escolhas metodológicas e técnicas que foram utilizadas para a constituição da pesquisa.

A pesquisa é entendida então como processo pelo qual o pesquisador tem a atitude e a prática de uma incessante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente, pois existe uma práxis de constante aproximação da realidade, sendo que esta traz uma carga histórica e reflete posições junto à realidade (Lima; Miotto, 2007).

Essa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, descritivo e explanatório.

A pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto estudado, e por isso não deve ser um processo aleatório (Lima; Miotto, 2007).

O tema do presente artigo foi escolhido de acordo com as inclinações e aptidões da autora, como também pelo fato do objeto delimitado merecer um enfoque científico. Tal artigo seguiu a sequência de introdução, desenvolvimento e conclusão (Marconi; Lakatos, 2010).

O levantamento da bibliografia se deu pela busca de material relacionado ao tema, como livros e artigos científicos previamente publicados. Depois de encontrado material suficiente para a elaboração desse artigo, ele foi reunido e novamente analisado (Marconi; Lakatos, 2010).

A interpretação crítica do material compilado foi o passo seguinte, averiguando sempre seu valor histórico e científico, considerando a relevância do documento para a preparação do artigo. Houve tempo hábil para a realização da redação (Marconi; Lakatos, 2010).

As referências bibliográficas foram organizadas de forma a cumprir todas as regras da ABNT, assim como todo o corpo do artigo (Marconi; Lakatos, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico buscou-se reunir trabalhos de Psicologia Social voltados à prostituição masculina, ou viril. Quem são esses rapazes, quais os motivos os levam à prostituição e quais as peculiaridades que envolvem tal prática.

Procurou-se integrar e citar os conhecimentos sobre a prostituição desde seus relatos mais antigos, trazendo o fenômeno sempre ligado a uma historicidade e a uma visão crítica, temas que a Psicologia Social trabalha desde seu surgimento.

Apresentando ainda a definição da atividade de um prostituto por Teixeira (2011) como sendo a comercialização do corpo para a realização de práticas sexuais, sempre em troca de remuneração normalmente em dinheiro. Tal definição aponta para questões que foram discutidas no corpo do trabalho.

Em um primeiro momento, teve-se dificuldade em levantar o material bibliográfico dada a carência de bibliografia na área de Psicologia Social que tratasse da especificidade do tema. Desse modo, espera-se que esse trabalho bibliográfico venha a acrescentar para aqueles que demonstrem interesse pelos temas de prostituição viril, cultura da noite e identidade.

Cita-se ainda que durante todo o processo de construção do artigo foi possível à autora ampliar sua visão a respeito do tema, através da Psicologia Social e do olhar que ela lança sob o fenômeno da prostituição, aprofundando conhecimentos e experiências vividas ao longo da graduação em Psicologia.

Sendo ainda possível reconhecer a relevância do aprofundamento na temática da prostituição viril, sobretudo no campo da Cultura e da Identidade, demonstrando como é necessário um olhar a esses sujeitos, que por muitas vezes são negligenciados.

Sabendo que a pesquisa é um processo nunca acabado, encerra-se por hora esse trabalho com a inquietação que leva a uma permanente busca, a fim de trazer maiores subsídios para estudos na área.

REFERÊNCIAS

- Aquino, P. S.; Ximenes, L. B.; Pinheiro, A. K. B. Políticas públicas de saúde voltadas à atenção à prostituta: breve resgate histórico. *Revista Portal Cofen*, v. 1, 2010. Disponível em: <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/4/5>>. Acesso em: 29 de março de 2022.
- Augras, M. Poder do desejo, ou desejo de poder?. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 37, Rio de Janeiro, 1985. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/19196/17936>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2022.

- Canguilhem, G. O normal e o patológico. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- Ceccarelli, P. R. Prostituição- corpo como mercadoria. *Mente & Cérebro*, v. 4, 2008. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/prostituicao.pdf>> Acesso em: 01 de março de 2022.
- Ciampa, A. C. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. *Encontro Internacional Família e Psicanálise- novas tendências clínicas*, v. 3, São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.siid.ucdb.br/docentes/downloads.php?Dir=arquivos&File=140131.pdf>> Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.
- Duby, G. Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Figueiredo, L. C. M.; Santi, P. L. R. *Psicologia, uma (nova) introdução*. 3 ed. São Paulo: EDUC, 2008.
- Jacques, M. G. C. et al. *Psicologia Social Contemporânea*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- Lima, T. C. S.; Mito, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, v. 10, Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>> Acesso em: 01 de maio de 2022.
- Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- Perlongher, N. O. O contrato da prostituição viril. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 37, Rio de Janeiro, 1985. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/19194/17935>> Acesso em: 10 de março de 2022.
- Peters E. T.; Cerqueira F. V. Mulheres em Atenas, no século IV: o testemunho do Contra Neera, de Demóstenes. *Revista Nearco*, v. 12, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.revistanearco.uerj.br/arquivos/numero12/68-84.pdf>> Acesso em: 25 de fevereiro de 2022.
- Rago, M. Epistemologia feminista, gênero e história. Masculino, feminino, plural. Florianópolis, 1998. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/23306469/966591220/name/epistemologia_feminista.pdf> Acesso em: 23 de março de 2022.
- Santos, M. L. O michê no palco sem holofotes. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=3431&Itemid=171> Acesso em: 02 de março de 2022.
- Sawaia, B. et al. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Soliva, T. B. Entre “bichas” e “bofes”: sociabilidade e construção de identidades coletivas entre as “turmas de homossexuais” do Rio de Janeiro. *Fatos & Versões*, v. 4, Uberlândia, 2012. Disponível em:

<<http://revista.catolicaonline.com.br:81/revistadigital/index.php/fatoeversoes/article/viewFile/522/456>> Acesso em: 10 de maio de 2022.

Teixeira, A. E. Representação sobre a atividade de garotos de programa em Belo Horizonte (MG): emprego, trabalho ou profissão? XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 2011. Disponível em:

<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308350926_ARQUIVO_ArtigoParaConlab2011.pdf> Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.

Índice Remissivo

C

COVID-19, 40, 41, 42, 44, 45, 49

D

delírios religiosos, 31, 32, 35, 36, 37, 38

Derecho de defensa, 73, 78

dispensação, 52

F

farmacêutico, 49, 57

Freud, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38

J

judaico-cristão, 16, 17, 22, 26

Juez, 62, 64, 66, 69, 70, 72, 74, 75, 76, 77, 78

Juzgados, 75

M

Ministerio Público, 63, 67, 68, 69, 70, 72, 76, 77

N

Nuevo Modelo Procesal Penal, 62, 63, 64, 65,
66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77,
78

P

patriarcado, 16, 21, 22, 23, 26, 28

projeção, 32, 36, 37, 38

psicopatologia, 34, 36, 37

R

religiosidade, 17, 20, 29

S

serviços farmacêuticos, 40, 48

V

vigilância sanitária, 47, 49

Sobre os organizadores



  **Bruno Rodrigues de Oliveira**

Graduado em Matemática pela UEMS/Cassilândia (2008). Mestrado (2015) e Doutorado (2020) em Engenharia Elétrica pela UNESP/Ilha Solteira. Pós-doutorado pela UFMS/Chapadão do Sul na área de Inteligência Artificial. É editor na Pantanal Editora e Analista no Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul. Tem experiência nos temas: Matemática, Processamento de Sinais via Transformada Wavelet, Análise Hierárquica de Processos, Teoria de Aprendizagem de Máquina e Inteligência Artificial, com ênfase em aplicações nas áreas de Engenharia Biomédica, Ciências

Agrárias e Organizações Públicas. Contato: bruno@editorapantanal.com.br



  **Alan Mario Zuffo**

Engenheiro Agrônomo, graduado em Agronomia (2010) na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mestre (2013) em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutor (2016) em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Pós - Doutorado (2018) em Agronomia na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Atualmente, possui 165 artigos publicados/aceitos em revistas nacionais e internacionais, 127 resumos simples/expandidos, 66 organizações de e-books, 45 capítulos de e-books. É editor chefe da Pantanal editora e revisor de 18 revistas nacionais e internacionais. Professor adjunto na UEMA em Balsas. Contato: alan_zuffo@hotmail.com.



  **Jorge González Aguilera**

Engenheiro Agrônomo, graduado em Agronomia (1996) na Universidad de Granma (UG), Bayamo, Cuba. Especialista em Biotecnologia (2002) pela Universidad de Oriente (UO), Santiago de Cuba, Cuba. Mestre (2007) em Fitotecnia na Universidade Federal do Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil. Doutor (2011) em Genética e Melhoramento de Plantas na Universidade Federal do Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil. Pós - Doutorado (2016) em Genética e Melhoramento de Plantas na EMBRAPA Trigo, Rio Grande do Sul, Brasil. Professor Visitante na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) no campus Chapadão do Sul (CPCS), MS, Brasil. Atualmente, possui 74 artigos publicados/aceitos em revistas nacionais e internacionais, 29 resumos simples/expandidos, 50 organizações de e-books, 37 capítulos de e-books. É editor da Pantanal Editora e da Revista Agrária Acadêmica, e revisor de 19 revistas nacionais e internacionais. Contato: j51173@yahoo.com, jorge.aguilera@ufms.br.



ID Aris Verdecia Peña

Médica, graduada em Medicina (1993) pela Universidad de Ciencias Médica de Santiago de Cuba. Especialista em Medicina General Integral (1998) pela Universidad de Ciencias Médica de Santiago de Cuba. Especializada em Medicina en Situaciones de Desastre (2005) pela Escola Latinoamericana de Medicina em Habana. Diplomada em Oftalmología Clínica (2005) pela Universidad de Ciencias Médica de Habana. Mestrado em Medicina Natural e Bioenergética (2010), Universidad de Ciencias Médicas de Santiago de Cuba, Cuba. Especializada em Medicina Familiar (2016) pela Universidade de Minas Gerais, Brasil. Professora e Instructora da Universidad de Ciencias Médicas de Santiago de Cuba (2018). Ministra Cursos de pós-graduação: curso Básico Modalidades de Medicina Tradicional em urgências e condições de desastres. Participou em 2020 na Oficina para Enfrentamento da Covi-19. Atualmente, possui 11 artigos publicados, e seis organizações de e-books.



ID Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Pedagoga, graduada em Pedagogia (2020) na Faculdades Integradas de Cassilândia (FIC). Estudante de Especialização em Alfabetização e Letramento na Universidade Cathedral (UniCathedral). É editora Técnico-Científico da Pantanal Editora. Contato: rlustosa@hotmail.com.br



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br